

TURISMO E OS MORADORES DE RUA NO CENTRO DE SÃO PAULO.

Patrícia Marcela da Cruz, Rodrigo Gomes Guimarães, Eduardo Romero – Inter Áreas – Sociologia e Antropologia – Faculdade de Turismo – Campus de Rosana.

O turismo é uma constante no Centro Velho de São Paulo, embora possa ocorrer sendo despercebido por muitos. Talvez devido à agitação diária de milhões de pessoas, ou porque se oculta a um vasto conjunto de concretos não aparentando algum atrativo turístico. Em meio a essa loucura diária o turista busca o que pode ser considerado o melhor que a maior cidade do país oferece em termos culturais e econômicos.

Partindo de tais observações realizamos uma pesquisa com o objetivo de analisar o comportamento do turista em relação ao morador de rua quando em passagem pelo Centro da cidade de São Paulo, SP. A fim também de observar uma forma do turismo contribuir na inclusão social do morador de rua, seja através da sua valorização enquanto homem ou de um resgate parcial ou integral de sua identidade.

Pois a partir de observações a campo percebemos grande concentração de pessoas em situação de rua, ou, no linguajar popular, os mendigos. Segundo a Secretaria do Bem Estar Social, são cerca de 10 mil pessoas que (sobre) vivem nessas condições. As ruas e avenidas são seus lugares preferidos para dormitório, e a população de rua que opta por estes locais não carrega quase nada consigo e busca abrigo junto às marquises e prédios comerciais. As praças e os largos aparecem como o segundo tipo de logradouro mais utilizado, tendo os bancos de jardim e as árvores como abrigo. Em seguida, aparecem os viadutos, sob os quais há geralmente uma reprodução mais “completa” de uma casa (SEBES: 2004,p.54). Porém, considerando que a atividade turística baseia-se na busca de paisagem e de conhecimento cultural, essa marginalidade social não é um fator positivo para o turismo no local.

Segundo Neves (1992), o indivíduo que trabalha, e vem de um processo excludente e desmoralizante, quando chega à rua e depara-se com outros em dificuldades parecidas, estabelece uma relação de solidariedade. Assim, pode-se dizer que entre essas pessoas é criado um espaço social possível, embora “estigmatizado e visto negativamente pela sociedade como um todo”(SEBES, 2004, p.99). Ainda que aqueles que moram na rua tenham um melhor relacionamento entre si do que com os outros segmentos da sociedade, não devemos absolutizar essa relação como sendo sempre harmônica e simpática.

Diante da pouca compreensão da rotina de quem vive na rua por parte de outros, impossível não citar os preconceitos e estereótipos sofridos por essa população. Um estudo no campo da psicologia sobre o comportamento do turista, Glenn escreve que “atitudes envolvem julgamentos de valor” e as mesmas “podem ser expressas numa linguagem não – verbal” (2002, p.60) como pode ser o caso da relação entre turista e morador de rua.

No entanto, é imediata a resposta do restante da sociedade para quem não se encaixa ao modelo de “pessoa honesta” gerando estigma: *vagabundo*, *maloqueiro*, *malandro*, *vadio* ou como forma de mostrar compreensão, *coitado*. Percebemos que “o estigma dissolve a identidade do outro e a substitui pelo retrato estereotipado a classificação que lhe impomos” (SOARES, 2005, p.176), não vemos o que o outro é em sua essência, o que possui de valor como todos enquanto pessoa, ao contrário, vemos a imagem que já está formada em nossa mente.

No espaço do Centro Velho de São Paulo os moradores de rua parecem estar alheios à atividade turística que ocorre em seu meio. Os turistas, em sua maioria pertencem a uma classe social elevada, provavelmente quando o olhar de ambos se cruza já existe uma imagem formada, pois em geral “a nossa visão das coisas é carregada de expectativas e sentimentos, valores e crenças, compromissos e culpas, desejos e frustrações (...) ver é relacionar-se” (SOARES, 2005, p.174). A busca por pensar a relação entre

o turista e o morador de rua não se fundamenta no contato físico, ou no falar simplesmente, mas através da relação estabelecida por meio da observação ou não do turista, o qual pode gerar sentimentos que venham a refletir nos seus atos: preconceito, alienação, alheamento, negação do que vê e do que é. Enquanto, à margem está o morador de rua, podendo o turismo ser um meio para incluir de alguma forma essa parte da sociedade.

Portanto, qualquer interpretação sobre um *Outro* cultural traz consigo inúmeros fatores (performativos e institucionais) que fogem ao controle daquele que comunica, mas também daquele que interpreta. A questão teórica que podemos colocar aqui é: O quanto as identidades, de “morador de rua” e de “turista”, são tanto historicamente construídas por elementos sociais constituintes (raça, etnia, gênero, sexualidade, cultura), como por representações também constituintes sobre o Outro cultural? Não se pretende com este estudo falar sobre o Outro, como em estudos antropológicos tradicionais, mas sim apresentar uma discussão sobre os mecanismos de construção do Outro por meio das representações quando o morador de rua é percebido por turistas. Este é um estudo sobre “fronteiras” (GUPTA; FERGUSON, 2000, p.45),

Realizamos uma análise sobre o comportamento dos turistas quando deparados com a imagem do morador de rua. Esta imagem pode ser já construída – ou não - por estereótipos e, assim, tentamos entender a base dessa relação. Esta análise se deu através de entrevistas estruturadas com 10 turistas que percorriam o Centro Velho, e com 10 moradores de rua no local.

Em entrevista a estes últimos, cerca de 40% afirmaram não pensar nada quando diante do turista, enquanto outros na mesma proporção disseram que se sentem vítimas da negligência dos políticos e que são vistos pelos turistas como o “desprezado da sociedade brasileira” diz L.W. como pode ser observado na tabela. Em contrapartida, alguns como C.A. que tem como ponto preferido o Pátio do Colégio José de Anchieta, disse sentir-se bem em meio aos turistas, pois acham que não se incomodam com a sua presença e estes já não se importam que ele apareça em suas fotos, pois é como se já fizesse parte da paisagem. Observemos algumas respostas na tabela a seguir:

Tabela 1 - Respostas dos moradores de rua entrevistados, referente à pergunta: Como se sente diante do turista e de como acha que ele te vê?

Entrevistado	Resposta
1	"Pessoa simples como eles. Eles me vêem normal." "levando a vida convivendo com as pessoas... Tá bom a rua". OBS: este disse que alguns turistas tiram fotos das paisagens e dizem que ele não precisa sair do lugar, ou seja, já se acostumaram.
2	"No chão. Ele me vê como um trapo" "...Esse é meu mundo" * Disse que é alcoólatra para sobreviver aos obstáculos da rua e culpa a corrupção dos políticos pela sua situação. * Sente-se um coitado. * Mora média de 6 anos na rua
3	Disse sentir-se "O desprezado da sociedade brasileira" OBS: Muito revoltado.
4	Disse sentir-se feliz e melhor do que o turista, e este o veria como "um nada, porque tem Dinheiro". * vive Há 3 anos na rua.
5	"Me sinto bem. É um reflexo da miséria" Obs: Trabalha catando material reciclável para vender. *Não pernoita em lugar fixo. **De início morava numa pensão. ***Joga sempre na loteria, pois pensa que só assim poderá comprar uma casa e sair da rua.
6	Disse que a maioria dos turistas que vê são nordestinos e que eles agem com "naturalidade" com os moradores de rua. E quanto ao olhar deles sobre ela disse "Não sei. Procuro não pensar". * Segundo ela está a dois meses na rua e não está porque quer.
7	*Recolhe latinhas para vender.**Pensa em trabalhar e alugar um quarto.

	Segundo ela sente-se normal e que o turista não a vê como mendiga.
8	"Sinto um cidadão como ele. Ele me vê como gente." Pensa em sair das ruas mas, segundo ele não sabe como. *Atualmente mora em albergue e trabalha no projeto "Operação trabalho".
9	Disse sentir-se "normal", pois nunca quis ficar com "cara de quem mora na rua". *Segundo ele, sonha em ter casa e família.**Quando estava na rua bebia pinga para dormir e afirmou que "sem é muito difícil".
10	Afirmou com rispidez que vê o turista sendo um "imbecil", por se interessar por "coisas inúteis". Já o outro o veria com preconceito devido a "sua formação burguesa e estúpida". *Segundo ele, seu primeiro contato com a rua foi a partir de 1988.

Já em entrevista a um casal de turistas provenientes do interior do estado de São Paulo, disseram já se acostumar com a presença, ainda que significativa de pessoas morando nas ruas e que não se importavam em vê-los durante o passeio.

Com base nestes dados iniciais pode-se notar a construção de estereótipos do morador de rua em relação ao turista e, deste em se habituar com a condição marginal daquele como considerando-o parte do atrativo paisagístico. Confirmando-se, assim, a existência de pontos de vista distintos referente a imagem do outro por parte de ambos, composta de acordo o que cada um carrega na sua bagagem social, cultural, ou racial. E que mesmo sendo um episódio – relação turista e morador de rua - do turismo pouco estudado, as formas de representação sobre o Outro existem e de alguma forma influenciam na atitude tanto do morador de rua quanto na do turista.

Referências Bibliográficas

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Métodos de Técnicas de Pesquisa em Turismo**. São Paulo: Futura, 1998.

GUPTA, Akhil; FERGUSON, James. In: ARANTES, Antonio A. **O Espaço da Diferença**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

SEBES, Instituições não governamentais. **População de Rua: quem é, como vive, como é vista**. São Paulo: Hucitec, 3ª edição, 2004.

SOARES, Luiz Eduardo; BILL, M.V.; ATHAYDE, Celso. **Cabeça de Porco**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.